

Liberdade e populismo



» JOSÉ SARNEY
Ex-presidente da República,
escritor e imortal da Academia
Brasileira de Letras

É difícil uma definição de liberdade que seja abrangente em todos os seus aspectos. Até porque, com o passar dos tempos, ela adaptou-se à diferença da sociedade do seu tempo. Foram vários os conceitos e aspectos.

O mais importante período dessas mudanças foi aquele em que os conceitos e julgamentos sintetizaram os direitos humanos e individuais, culminando na Revolução Francesa, passando pela independência dos Estados Unidos e iniciando com a Revolução Gloriosa na Inglaterra — esta, com a reforma da Bill of Rights, a verdadeira origem do parlamento moderno e do fim do poder absoluto.

Uma definição simples, concisa e abrangente de liberdade é aquela que se deduz das ideias de Thomas Jefferson, sem dúvida alguma um dos maiores pensadores políticos modernos. Ele consolidou a concepção de democracia à de liberdade, de tal modo que podemos afirmar serem sinônimas. A democracia é, sem qualquer negativa, a palavra que resume a liberdade: os direitos individuais e civis (como o direito de ir e vir e a negação de qualquer forma de escravidão), a imprensa livre, a igualdade entre gêneros e toda a essência da condição de homem livre.

Nessa invocação dos conceitos de liberdade e democracia, não podemos nos esquecer da definição de Aristóteles de que “o homem é um animal político”, ou seja, para ele a liberdade era indissociável da vida em sociedade.

Objetivamente a Revolução Gloriosa marca a prevalência do Parlamento, tornando-o uma realidade, pondo fim ao governo absoluto e estabelecendo o império das leis. Neste, o Parlamento torna-se o centro do poder, consolidando o que se define como o “governo das leis, e não dos homens”.

Também não podemos ser radicais chegando ao extremo de dizer que a liberdade e a democracia não existem apenas porque não conseguem resolver todos os problemas de uma sociedade de classes, que, cheia de reivindicações de toda natureza, exerce uma pressão gigantesca para assegurar seus direitos. Isso, ao contrário de negar a democracia e a liberdade, reafirma que ambas passam a ser uma.

Por outro lado, fazem parte da liberdade e da democracia a pressão e a efervescência de uma sociedade de massa, desde que contidas no enquadramento das leis, que limitam os nossos direitos onde começam os direitos dos outros.

Mas a liberdade tem um poder criativo que se dissolve na democracia, fazendo parte dela e possibilitando certas licenciosidades, que me permito citar para aliviar o peso desses conceitos e do universo de suas interpretações e derivativos. Nesse ramo, podemos incluir o populismo e, o pior deles, o anarcopopulismo, que invadiu a América Latina como um braço da Revolução Cubana, desestabilizando governos e servindo de justificativa para a ascensão do militarismo, felizmente ultrapassado.

Para várias piadas políticas também serviu a liberdade. Recordo-me de uma delas. Há muitos anos, quando visitei pela primeira vez meu amado Portugal, ainda ocupava o governo o Dr. Oliveira Salazar, que o exercia com mão de ferro usando sua PIDE, a cruel polícia política. A principal avenida de Lisboa chamava-se Avenida da Liberdade. Estava num táxi e, sem nenhum conhecimento da cidade, perguntei ao motorista: “Qual é o nome desta avenida tão bonita?” Ele me respondeu, com um tom crítico: “Avenida da Liberdade, mas nós ainda não a inauguramos. Só o faremos quando o Salazar morrer”. Deu uma gargalhada, e eu o acompanhei, com a certeza mútua de que eu não o denunciaria à PIDE.

Outro dia, assistia a um noticiário de TV quando uma bela moça, numa delegacia, denunciava que tinha sido vítima de assédio sexual. O delegado pediu-lhe que detalhasse as circunstâncias desse crime, infelizmente tão comum. Ela respondeu: “Eu estava em pé no ônibus, e o saliente me disse que ‘tomou a liberdade’ de passar a mão em minhas partes íntimas.” Vi, então, que há um grande poder criativo sobre o que é liberdade.

Anedotário ou não, a liberdade é o nosso maior patrimônio democrático. Os problemas iremos resolvendo, mas sem permitir que o populismo ameace a nossa democracia e a liberdade, sua fiel sinônima.

Lembro sempre do slogan da UDN, proposto pelo grande Afonso Arinos, que se dizia inspirado em frase de Thomas Jefferson: “O preço da liberdade é a eterna vigilância.”

Uma máquina desgovernada



» VALDIR OLIVEIRA
Ex-secretário de
Desenvolvimento Econômico
do Distrito Federal

Recentemente, o novo secretário de Economia do Distrito Federal afirmou que Brasília se tornou uma “máquina desgovernada”. A frase é forte, mas os números mostram que ela não é exagerada. O problema não é retórico. É fiscal.

O Distrito Federal entra em 2026 com um conjunto de pressões que, somadas, apontam para um rombo relevante nas contas públicas. E o mais importante: essa estimativa não foi construída com premissas agressivas ou aleatórias. Pelo contrário. Trata-se de uma análise conservadora e baseada em avaliações técnicas, sustentadas no comportamento histórico e recente das principais variáveis fiscais.

As contas do DF carregam um resultado negativo herdado de 2025, um volume elevado de Despesas de Exercícios Anteriores (DEA), crescimento consistente dos Restos a Pagar não Processados (RPNP) e uma expansão estrutural das despesas. Essas quatro variáveis mostram que a irresponsabilidade fiscal superada pelo novo secretário é um fato, subestimado, inegável, construído ao longo dos últimos anos.

O DEA projetado para 2026 está na casa de R\$ 1,6 bilhão. Isso significa despesas realizadas e não pagas no tempo correto. Não é previsível. É consequência de execução passada. E o mais grave: não é um fato isolado. Historicamente, cerca de 80% do DEA se concentra até abril. Em 2026, os pagamentos já superaram R\$ 1,4 bilhão, o que sustenta, de forma conservadora, a projeção de R\$ 1,6 bilhão ao final do exercício.

A expansão das despesas também pressiona o caixa. Considerando apenas a parcela efetiva — cerca de 75% do crescimento —, o impacto financeiro ultrapassa R\$ 3,6 bilhões. E esse número não surgiu de forma mágica. Nos últimos anos, a despesa total do DF vem crescendo de forma contínua, com taxas médias próximas a 6% ao ano, acumulando um aumento relevante no período recente. Na prática, isso significa que o gasto público passou a crescer em ritmo superior à capacidade de financiamento, ampliando o descompasso com a receita e pressionando cada vez mais o resultado fiscal. Trata-se de um crescimento persistente que, somado ao acúmulo de passivos, ajuda a explicar o tamanho do desequilíbrio atual.

Os restos a pagar seguem a mesma lógica. Parte relevante das despesas empenhadas e não executadas tende a ser carregada para frente, aumentando a pressão sobre os exercícios seguintes. E isso também não é pontual. Dados dos Relatórios Resumidos de Execução Orçamentária (RREO) do 6º bimestre e dos Relatórios de Gestão Fiscal (RGF) do 3º quadrimestre mostram que os Restos a Pagar não Processados do Distrito Federal vêm se mantendo em patamar elevado nos últimos anos, sempre na casa de bilhões de reais. Em 2022, já se encontravam próximos de R\$ 1 bilhão. Em 2023, avançaram para a casa de R\$ 1,2 bilhão. Em 2024, superaram R\$ 1,4 bilhão e, em 2025, R\$ 1,7 bilhão. Para 2026, permanecem nesse patamar elevado, consolidando uma trajetória de crescimento.

Somando esses fatores, a insuficiência estrutural estimada para 2026 se aproxima de R\$ 7,7 bilhões. Em cenários moderados de frustração de receita, esse número pode ultrapassar R\$ 9 bilhões.

Esse é o tamanho do problema. E ele não surgiu agora.

O crescimento do DEA e do RPNP ao longo dos últimos anos mostra um padrão: gasta-se sem pagar e compromete-se sem executar. Mas há um ponto ainda mais evidente: a despesa cresce em ritmo superior à receita. Esse descompasso é a prova concreta de que o diagnóstico está correto. No primeiro bimestre de 2026, as despesas empenhadas e não pagas passam de R\$ 3 bilhões. Quando o gasto cresce mais rápido que a arrecadação, o desequilíbrio deixa de ser risco e passa a ser certeza. É isso que caracteriza uma máquina desgovernada. Não porque parou, mas porque perdeu a capacidade de se sustentar ou a responsabilidade de uma gestão, que é o mínimo que se espera dos governantes, principalmente após o advento da Lei de Responsabilidade Fiscal.

A irresponsabilidade na gestão das contas de um governo faz com que ele passe a operar no limite. Paga o que vence primeiro. Empurra o restante. Trabalha com orçamento fantasioso, com subdimensionamento da despesa, obrigando a ter administrações pontuais de reservas orçamentárias insuficientes para o gasto e superdimensionamento de receita, o que leva a uma frustração de receita, mesmo tendo crescimento relativo ao exercício anterior, aparentemente uma normalidade fiscal.

Mas essa normalidade é frágil. Qualquer frustração de receita amplia o desequilíbrio. Qualquer aumento de despesa agrava o problema. E esse cenário já começou a aparecer.

Diante desse quadro, a resposta esperada é clara: conter despesas, reorganizar prioridades e recuperar o controle fiscal. Mas o sinal inicial foi outro. Mesmo com esse cenário de pressão bilionária, a decisão foi ampliar a estrutura do governo, com a criação de duas administrações regionais e uma secretaria de Estado, além da possibilidade de aumento de salário.

A política pode até tentar suavizar a realidade. Mas a matemática não negocia. E, no fim, ela sempre vence. Se nada mudar, Brasília não enfrentará apenas um desequilíbrio fiscal. Enfrentará as consequências de ter escolhido ignorá-lo.



Pioneiros que fizeram e ainda fazem Brasília



» JOSÉ NATAL
Jornalista

Vem aí, com sinais de efusivas, homenagens e comemorações, mais um aniversário de Brasília, agora completando seus 66 anos de idade, radiante e imponente como uma capital da República tem que ser. O 21 de abril deste ano, além de um atestado a mais de maturidade e independência, acontecerá na largada das corridas eleitorais, expondo ao país nomes e partidos para que o eleitor escolha o que achar melhor, e lhe convenha. É saudável e prazeroso testemunhar mais uma data festiva que celebra mais um ano de vida desta cidade, exemplo de modernidade, muitas vezes copiada mundo afora como a história já registrou. Obra fruto de pioneiros, muitos daqui, outros de outros lugares.

A legião de pioneiros que se arvoram e se anunciam integrantes do grupo fundador de Brasília, dia após dia, ganha novos componentes. Alguns são renitentes, insistentes talvez. Reivindicam o título mesmo cientes de que, quando por aqui chegaram, a capital já respirava o ar de montanhas, ruas e avenidas prontas e alinhadas, e os Poderes públicos instalados, tocando a vida como tinha que ser. Nada contra esse desejo manifesto. Alguns por vaidade, outros simplesmente por ignorar o que, de fato, significa pioneirismo.

Pioneirismo representa quem primeiro explora uma região, um desbravador que prepara terrenos,

colonizador. Nosso primeiro pioneiro foi Juscelino Kubitschek, que, em 1960, entregou a cidade ao país e, de lá pra cá, a história se fez. Esculpido nas pranchetas de trabalho de Oscar Niemeyer e das mãos cuidadosas de Lucio Costa, o corpo do projeto ganhou alma e o plano piloto da metrópole começou a respirar. Alimentando esse corpo, cortando matas, fazendo estradas e erguendo prédios, o engenheiro goiano Bernardo Sayão fincou estacas onde havia espaço no chão do Cerrado. A cidade anoitecia envolvida em poeira e, de manhã, era um Sol radiante mostrando um cenário novo e promissor.

De origem libanesa, mas com alma sintonizada com o Brasil, o engenheiro Gilberto Salomão chegou por aqui em 1959 e nunca mais ardeu pé. Visionário, investiu na construção civil e edificou moradias em diversos pontos do Lago Sul, região nobre da cidade. Nesse mesmo Lago Sul, o empresário construiu o Centro Comercial que leva seu nome, desde aquela época um ponto de encontro obrigatório daqueles que vivem o dia a dia da cidade. Apaixonado pela capital, aos 94 anos, Gilberto ainda curte seus encantos.

Mineiro de Carmo do Paranaíba, Hely Walter Couto pisou nas terras candangas, em áreas do Núcleo Bandeirantes. E foi lá que inaugurou a Pioneira da Borracha, referência comercial para milhares de construtores da cidade. Hoje, com 100 anos de idade, mantém o bom humor e boas lembranças de seu pioneirismo.

Aqui mesmo, nas páginas deste **Correio** sessentão, que a tudo assistia e de pronto registrava, muitos escribas da época de caneta e papel na mão apontavam, com fatos e fotos, o dia a dia da cidade que surgia, uma fantástica e avançada construção. O jornal era a mais viva testemunha ocular

da história, vivenciando uma realidade em preto e branco, sem filtros e sem firulas, que por certo o futuro há de contar.

Pontas de lança dessa jornada, pioneiros de quatro costados, Edilson Cid Varela e José de Arimathea Gomes Cunha (Ari Cunha), que já nos deixaram, estão, com certeza, na primeira fila entre aqueles que primeiro deram um atestado de credibilidade à consolidação desta cidade e de sua comunidade. Hoje como a oitava economia do país, com um PIB girando em torno de R\$ 365,7 bilhões, a cidade é impulsionada pelo setor de serviços públicos e comércio.

O empresariado local é forte e consolidado. Exemplo para inúmeras outras cidades brasileiras. No dia 14 de março, por exemplo, a Paulo Octávio Investimentos Imobiliários celebrou com grande festividade seus 50 anos de atuação no mercado de Brasília, feito inédito registrado. Desde 1975, 55 mil unidades residenciais foram edificadas pela empresa, abrigadas em 850 mil unidades residenciais, ocupando 6 milhões de metros quadrados de construção. Além da construção civil, o braço da empresa se estende a investimentos em hotelaria, shoppings, revenda de automóveis, emissoras de rádio e TV e seguradoras, empregando 43 mil funcionários, contratados e terceirizados. Mineiro, nascido na cidade de Lavras, e em Brasília desde de julho de 1992, quando aqui chegou aos 12 de anos de idade, Paulo Octávio está na galeria nobre dos pioneiros que ajudou, e ainda ajuda, a consolidar a capital da República.

Habituada a conviver com momentos de tensão política, e com relativa frequência de movimentos que repercutem em todo o país, aos 66 anos, Brasília se mostra estruturada e esbanja sinais de profissionalismo maduro. Confiante.